

# NOTAS SOBRE A “QUESTÃO DOS IMIGRANTES”

Guy Debord

Tradução: Inácio José de Araújo da Costa<sup>1</sup>

Redigidas por Debord em dezembro de 1985, as *Notes sur la "question des immigrés"* foram endereçadas ao escritor argelino e seu amigo Mezioud Ouldamer, que na ocasião trabalhava na escrita do livro *Le Cauchemar immigré dans la décomposition de la France* (*O pesadelo imigrante na decomposição da França* em tradução livre) a ser publicado em novembro de 1986 pelas Edições Gérard Lebovici.

O manuscrito de Ouldamer inspirou Debord a tecer seus próprios comentários sobre a relação da França com os imigrantes, especialmente num contexto pós Marcha pela Igualdade e contra o Racismo (*Marche pour l'égalité et contre le racisme*) de 1983, considerada a primeira grande manifestação nacional do gênero no país. Em seu texto, Debord ironiza as falsas polêmicas levantadas na mídia e nos debates políticos em torno dos imigrantes — “devemos acolhê-los ou eliminá-los?”, “devemos assimilá-los ou respeitar suas diversidades culturais?” — ao mesmo tempo em que evidencia as contradições existentes dentro da própria sociedade francesa. Enquanto aos imigrantes é imputada a culpa de ameaçarem a cultura e o estilo de vida dos quais os franceses tanto se orgulham, Debord argumenta cirurgicamente que não existe mais cultura nem estilo de vida genuinamente franceses para serem preservados. A massificação da cultura, a padronização dos

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC), graduado em Filosofia pela mesma instituição. E-mail para contato: inaciojosecosta@gmail.com

hábitos de consumo, a uniformização das cidades para adequação ao progresso econômico (percebida facilmente na destruição de lugares históricos e na construção de conjuntos habitacionais, estradas e arranha-céus) são apontadas como sinais da expansão gradual do capitalismo espetacular sobre toda a civilização ocidental e, portanto, como constatações da subordinação da sociedade francesa ao *american way of life* irradiado do centro mundial do espetáculo, os Estados Unidos. Se os imigrantes são aqueles degredados de suas terras e expropriados de suas culturas e de seus estilos de vida, os representantes mais dramáticos da “desposseção” que se estende por todo o mundo globalizado sob o signo do espetáculo, eles são o reflexo do que os franceses virão a se tornar com a inevitável americanização da França.

Em complemento ao texto aqui traduzido, segue como anexo uma carta de Debord a Ouldamer, onde o primeiro demonstra entusiasmo pela temática do segundo e interesse em auxiliar na escrita e na publicação de seu livro. Debord aconselha Ouldamer a adotar um estilo de escrita impassível, porém mordaz e provocativo — “que muitos considerariam como cinismo” —, também presente nas suas notas.

Todos os grifos dos textos foram feitos pelo autor e estão presentes em suas versões originais. As notas de rodapé são de autoria do tradutor.

\*\*\*\*\*

#### Notas para Mezioud

Tudo é falso em relação à “questão dos imigrantes”, assim como em toda questão *abertamente* levantada na sociedade atual; e pelos mesmos motivos: a economia — isto é, a ilusão pseudoeconômica — a trouxe e o espetáculo a discutiu.

Só se discutem idiotices. Devemos acolher ou eliminar os imigrantes? (Naturalmente, o verdadeiro imigrante não é o habitante permanente de origem *estrangeira*, mas aquele que é percebido e que se percebe como diferente e destinado a continuar assim. Muitos imigrantes ou suas crianças possuem nacionalidade francesa; muitos poloneses ou espanhóis finalmente se

perderam na massa de uma população francesa que *era diferente*.) Como o lixo das usinas nucleares ou o petróleo no oceano — e aí são definidos mais lentamente e menos “cientificamente” os *limiões da intolerância* — os imigrantes, produtos da mesma gestão do capitalismo moderno, permanecerão por séculos, por milênios, para sempre. Eles permanecerão porque era muito mais fácil eliminar os judeus da Alemanha nos tempos de Hitler do que os magrebinos, e outros, a partir de agora: já que não existe na França nem um partido nazista nem o mito de uma raça autóctone!

Devemos, então, assimilá-los ou “respeitar as diversidades culturais”? Inepta e falsa escolha. *Nós não podemos mais assimilar ninguém*: nem a juventude, nem os trabalhadores franceses, nem mesmo os provinciais ou antigas minorias étnicas (corsas, bretões, etc.) porque Paris, cidade arruinada, perdeu seu papel histórico que era de fazer franceses. O que é um centralismo sem capital? O campo de concentração não criou nenhum alemão dentre os europeus deportados. A difusão do espetáculo concentrado consegue uniformizar *apenas espectadores*. Enchemos a boca, em linguagem meramente publicitária, com a rica expressão de “diversidades culturais”. Quais culturas? *Não há mais nenhuma*. Nem cristã nem muçulmana, nem socialista nem cientificista. *Não se fala dos ausentes*. Observando por um instante a verdade e as evidências, não resta mais nada que não seja a degradação espetacular-mundial (americana) de toda cultura.

Acima de tudo, não é *pelo voto* que eles serão assimilados. Demonstração histórica de que o voto não é nada, mesmo para os franceses que são eleitores *e nada mais* (1 partido = outro partido; uma promessa eleitoral = seu contrário; e mais recentemente um programa político — que todos sabem muito bem que não será cumprido — deixou finalmente de ser decepcionante, por não visar à resolução de nenhum problema importante. Quem votou pelo sumiço do pão?). Recentemente, admitimos esse número revelador (e sem dúvida subnotificado): 25% dos “cidadãos” da faixa etária de 18 a 25 anos *não se cadastraram como eleitores* por simples desgosto. Os *abstencionistas* são outros que se juntam a eles nessa estatística.

Alguns levantam o critério da “fluência em língua francesa”. Risível. Os franceses atuais a falam? É francês o que falam os analfabetos de hoje, ou Fabius (“Bonjour les dégâts!”)<sup>2</sup> ou Françoise

---

<sup>2</sup> Laurent Fabius, político francês que ocupou o cargo de primeiro-ministro da França entre 1984 e 1986, ou seja, na época em que essas notas foram escritas. A frase em destaque deriva de um slogan criado pelo publicitário Daniel Robert em 1984 encomendado pelo Comité Français d'Éducation pour la Santé como parte de uma campanha midiática de conscientização contra a direção alcoolizada — “Un verre ça va, trois verres... Bonjour les dégâts!” (“Um copo tudo bem, mas três copos.... Lá vem problema!”, em tradução livre) —, que acabou caindo no gosto e no vocabulário populares.

Castro (“Ça t’habite ou ça t’effleure?”)<sup>3</sup>, ou B.-H. Lévy<sup>4</sup>? Não estamos claramente, mesmo se não houvesse nenhum imigrante, no caminho da perda de toda linguagem articulada e de todo raciocínio? Quais canções a juventude de hoje escuta? Quais seitas infinitamente mais ridículas que o Islã ou o Catolicismo conquistaram facilmente poder de influência sobre uma certa fração de idiotas instruídos contemporâneos (Moon<sup>5</sup>, etc.)? Sem falar nos autistas ou nos profundamente débeis que tais seitas *não recrutam* porque não há interesse econômico na exploração desse gado; sendo, portanto, deixado a cargo dos poderes públicos.

*Nós nos fizemos americanos.* É normal que encontremos aqui todos os miseráveis problemas dos U.S.A., das drogas à máfia, do *fast-food* à proliferação de grupos étnicos. Por exemplo, a Itália e a Espanha, americanizadas na superfície e em até certa camada de profundidade, não são miscigenadas. Nesse sentido, elas continuam mais propriamente europeias (assim como a Argélia é norte-africana). Aqui nós temos os problemas da América *sem ter a sua força*. Não é certo que o *melting-pot*<sup>6</sup> americano ainda funcione por muito tempo (com os *chicanos*<sup>7</sup>, por exemplo, que possuem outra língua). Mas é certo que isso não pode funcionar nem por um momento aqui. Porque é nos U.S.A que está o centro da fabricação do modo de vida atual, *o coração do espetáculo* que estende suas pulsações até Moscou ou Pequim; e que, de qualquer forma, não pode deixar nenhuma independência a seus *terceirizados* locais (infelizmente, a compreensão disso mostra uma subjugação muito menos *superficial* do que aquela que os críticos habituais do “imperialismo” gostariam de destruir ou de diminuir). Aqui *nós não somos mais nada*: colonizados que não souberam

---

<sup>3</sup> Françoise Castro, produtora de televisão nascida no México, foi casada com Laurent Fabius de 1981 a 2002. Assim como a frase anterior, essa também é uma expressão coloquial sem tradução exata ou equivalência em língua portuguesa. Em tradução livre: “Isso de marcou profundamente ou só te arranhou superficialmente?”.

<sup>4</sup> Bernard-Henri Lévy foi um dos fundadores dos Novos Filósofos (*Nouveaux Philosophes*), movimento intelectual criado após as revoltas de Maio de 68 que adotou uma postura de desencanto com o marxismo e, posteriormente, de repúdio contra os regimes socialistas da China e da União Soviética. Esse movimento foi duramente criticado por outros pensadores ilustres da época (incluindo Gilles Deleuze, Pierre Bourdieu, Alain Badiou, Jean-François Lyotard e Cornelius Castoriadis) por, dentre outras acusações, propagar ideias superficiais e de fácil absorção pela opinião pública a fim de ganhar maior projeção midiática. A figura de Lévy também já teve sua credibilidade questionada, sendo considerado um impostor intelectual.

<sup>5</sup> Sun-Myung Moon (1920-2012), nascido onde hoje é a Coreia do Norte, tornou-se mais conhecido como reverendo Moon. Fundador e líder da Igreja da Unificação, seita neocristã que começou a se espalhar mundialmente entre a década de 1950 e começo dos anos 2000, Moon chegou a ser reverenciado como o próprio Messias pelos seus seguidores. Mesmo rodeado de controvérsias devido a seus métodos de doutrinação considerados antiéticos e ao rápido crescimento de seu império religioso, o reverendo chegou a possuir considerável poder econômico e midiático com negócios que abrangiam desde meios de comunicação de massa até hotelaria, indústria e esporte na Coreia do Sul, Estados Unidos e América Latina.

<sup>6</sup> Expressão em inglês no texto original, tem sentido aproximado de “caldeirão cultural” ou “caldeirão de raças”.

<sup>7</sup> Designação dada aos imigrantes mexicanos residentes nos Estados Unidos e aos seus descendentes. Outrora, o termo *chicano* era utilizado para se referir às populações nativas dos estados do Texas, Colorado, Califórnia, Nevada e Novo México, outrora pertencentes ao México. Atualmente, devido ao aumento do número de imigrantes de outros países da América Latina nos Estados Unidos, esse termo passou a ser gradualmente substituído por “hispanicos” e “latinos”.

se revoltar, *béni-oui-oui*<sup>8</sup> da alienação espetacular. Que pretensão, tendo em vista a proliferativa presença de imigrantes de todas as cores, encontramos repentinamente na França, como se nos fosse roubado algo que ainda seria nosso? E então o quê? Em que acreditamos, ou melhor, no que ainda *parecemos acreditar*? É um orgulho para seus raros dias de festa quando os escravos puros se indignam que metecos<sup>9</sup> ameacem sua independência!

O risco de apartheid? É bem real. É mais do que um risco, é uma fatalidade já posta (com sua lógica de guetos, de confrontos raciais, e um dia de banhos de sangue). Uma sociedade que se decompõe por inteiro é evidentemente menos apta a acolher sem maiores conflitos uma grande quantidade de imigrantes do que uma sociedade coerente e relativamente feliz. Já havíamos observado em 1973 essa impressionante adequação entre a evolução da técnica e a evolução das mentalidades: “O meio-ambiente está sendo transformado *rápida e descuidadamente* para benefício do lucro e do controle repressivo, tornando-se ao mesmo tempo mais vulnerável e mais propício ao vandalismo. O capitalismo em sua fase espetacular reconstrói tudo *com material inferior* e produz os incendiários. Seu aspecto é tão inflamável quanto uma escola francesa.”<sup>10</sup> Com a presença de imigrantes (que já serviram aos interesses de certos sindicalistas com tendências a denunciar como “guerra de religiões” certas greves de trabalhadores que eles não puderam controlar), podemos ter certeza de que os poderes existentes vão favorecer o desenvolvimento em *escala real* das pequenas experiências de confrontos que vimos encenados por “terroristas” reais ou falsos, ou por torcedores de times de futebol rivais (não apenas torcedores *ingleses*).

Mas é bastante compreensível por que representantes de todos os espectros políticos (incluindo os líderes do Frente Nacional<sup>11</sup>) se empenham em minimizar a gravidade do “problema dos imigrantes”. Tudo o que todos eles querem *conservar* os impede de encarar qualquer problema diretamente, e em seu verdadeiro contexto. Alguns fingem acreditar que é apenas o caso de impor uma “boa vontade antirracista”, e outros que se trata de reconhecer os direitos moderados de uma “xenofobia justa”. E todos colaboram em considerar essa questão como se ela fosse *a mais fervorosa*, quase a única dentre todos os problemas assustadores que uma sociedade *não superará*. O gueto do

---

<sup>8</sup> Expressão utilizada para se referir de maneira pejorativa a pessoas bajuladoras, servis, que obedecem sistematicamente aos comandos de uma autoridade. Essa expressão possui uma forte carga racial e étnica, tendo surgido durante a ocupação francesa na Argélia para descrever os nativos que colaboravam com os colonizadores. Pode-se fazer uma correlação aproximada da expressão *béni-oui-oui* com *capitão do mato*, oriunda do período escravagista colonial brasileiro.

<sup>9</sup> Estrangeiros residentes na pólis grega de Atenas. Eram considerados livres, mas não tinham direito à participação política.

<sup>10</sup> Essa citação foi retirada da versão cinematográfica de *A sociedade do espetáculo* de 1973, realizada também por Guy Debord.

<sup>11</sup> Conhecido como *Rassemblement National* desde 2018, o *Front National* é um partido nacionalista de extrema direita francês liderado por Jean-Marie Le Pen de 1972 a 2011. Atualmente, sua filha Marine Le Pen o substituiu no comando do partido.

novo apartheid espetacular (não a versão local, folclórica, da África do Sul), já está lá, na França atual: *a imensa maioria da população está lá trancada e embrutecida*, e tudo se passaria igual mesmo se não houvesse um só imigrante. Quem decidiu construir Sarcelles e Les Minguettes<sup>12</sup>, destruir Paris ou Lion? Certamente, não se pode dizer que nenhum imigrante fez parte desse infame trabalho. Mas eles não fizeram mais do que executar estritamente as ordens que lhes foram dadas: eis o infortúnio habitual *do assalariado*.

Quantos estrangeiros de fato existem na França? (E não somente de acordo com o estatuto jurídico, a cor, o aspecto facial.) É tão óbvio que há tantos que seria melhor se perguntar: *quantos franceses ainda restam* e onde estão? (E o que caracteriza *atualmente* um francês?) Como continuar, dentre em pouco tempo, francês? Sabemos que a taxa de natalidade está caindo. Isso não é normal? Os franceses não conseguem mais suportar seus próprios filhos. Eles os enviam para a escola desde os três anos, e pelo menos até os dezesseis, para aprender o analfabetismo. E antes que eles tenham três anos, são cada vez mais numerosos aqueles que os acham “insuportáveis” e os batem mais ou menos violentamente. As crianças ainda são amadas na Espanha, na Itália, na Argélia, entre os ciganos. Geralmente não na França do presente. Nem as habitações nem as cidades são mais adequadas para crianças (daí a publicidade cínica dos urbanistas governamentais sobre o tema: “abrir a cidade às crianças”). Por outro lado, a contracepção é difundida, o aborto é legalizado. Hoje quase todas as crianças na França foram *desejadas*. Mas não livremente! O eleitor-consumidor *não sabe o que quer*. Ele “escolhe” qualquer coisa que ele não gosta. Sua estrutura mental não tem mais a coerência de se lembrar *que ele quis alguma coisa*, quando ele se encontra decepcionado pela experiência dessa mesma coisa.

No espetáculo, uma sociedade de classes quis, muito sistematicamente, *eliminar a história*. E agora fingem lamentar *esse resultado* particular da presença de tantos imigrantes, porque a França está “desaparecendo”? Que piada. Ela está desaparecendo por diferentes outras razões e, mais ou menos rapidamente, em quase todas as frentes.

Os imigrantes têm o mais legítimo direito de viver na França. Eles são os representantes da *desposseção*; e a desposseção fez da França sua casa, se espalhando por lá de modo a se tornar

---

<sup>12</sup> A comuna de Sarcelles e o bairro Les Minguettes localizam-se nos arredores de Paris e de Lion, respectivamente, tendo recebido grande fluxo de imigrantes de origem magrebina durante as décadas de 1950 e 1960. A “destruição” das referidas cidades mencionada por Debord pode se referir, dentre muitos fenômenos urbanos, à demolição de bairros antigos em nome da modernização urbana cujos símbolos máximos eram as autoestradas e os arranha-céus, à expulsão de proletários do centro da cidade para subúrbios satélites, à gentrificação, isto é, ao processo de reorganização imobiliária e urbanística da cidade para favorecer grupos de maior poder aquisitivo.

quase universal. Os imigrantes perderam sua cultura e seu país, muito notoriamente, sem poder encontrar outros. E os franceses estão na mesma condição, mal conseguindo manter em segredo.

Com a igualação de todo o planeta na miséria de um ambiente novo e de uma inteligência puramente mentirosa sobre tudo, os franceses, que a aceitaram sem muita revolta (salvo em 1968) não têm qualificação para dizer que não se sentem mais em casa *por causa dos imigrantes!* Eles têm todo o direito de não se sentir mais em casa, é verdade. É porque não existe mais ninguém, nesse horrível mundo novo da alienação, *que não seja imigrante.*

Haverá pessoas vivendo na superfície da Terra, e até mesmo aqui, quando a França tiver desaparecido. A mistura étnica que dominará é imprevisível, assim como suas culturas e mesmo suas línguas. Podemos afirmar que a questão central, profundamente qualitativa, será a seguinte: esses povos futuros terão dominado, através de uma prática emancipada, a *técnica presente*, que é globalmente aquela do simulacro e da despossessão? Ou, ao contrário, serão eles dominados por ela de uma maneira ainda mais hierárquica e escravista do que hoje? É preciso considerar o pior, e lutar pelo melhor. A França é certamente lamentável. Mas os lamentos são vãos.

\*\*\*\*\*

**Anexo:** Carta de Guy Debord a Mezioud Ouldamer, 22 de novembro de 1985

Caro Mezioud,

Esperaremos por você dia 21 de dezembro.

Falaremos de seu plano com mais detalhes. O primeiro resumo está bom. Já acredito que podemos dizer que esse livro, derrubando as idiotices doentes da esquerda e da direita, deve ser, sobre esse assunto falsamente “passional”, escrito em um tom perfeitamente impassível (Tucídides,

Maquiavel, mais recentemente Bolloten)<sup>13</sup>, evitando se possível qualquer julgamento de valor, como se fosse geologia. É aqui que está o maior escândalo.

A tese geral deve ser (partindo das citações de erros risíveis de outros autores, como se desculpar por ter dito fatos tão óbvios): não haverá integração: é tarde demais para isso, assim como é tarde demais para expulsão. A França não poderá integrar ninguém, não porque eles são muitos, mas porque ela se tornou muito pouca. Não existe mais França. Não existe mais cultura francesa, certamente. Não existe mais “modo de vida francês” (nós somos a América dos pobres). Não existe mais povo francês. Não restam nem mesmo mais cristãos, de modo que não se trata de saber se os outros são muçulmanos: “o infiel” pressupõe o fiel, e os franceses foram infiéis ao seu destino, à sua história, à sua velha reputação; eles perderam até seus velhos defeitos! São espectadores, gado midiático. Se os imigrantes podem ser “uma chance” para a França e podem ensinar outros países, será mostrando pela experiência a extensão do desastre que varreu todos os países, a perfeição de sua despossessão.

Para estudar o estilo que certos autores chamariam de “cinismo”, releia o Relatório do Censor<sup>14</sup>, e algumas passagens do meu Prefácio italiano<sup>15</sup>.

Abraços.

Guy

---

<sup>13</sup> Tucídides, historiador grego da Antiguidade, escreveu sobre a história da Guerra do Peloponeso; Nicolau Maquiavel, pensador florentino da Renascença, contribuiu para o entendimento dos trâmites políticos em obras como *O Príncipe* e *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*; Burnett Bolloten, escritor britânico, publicou trabalhos sobre a Guerra Civil Espanhola.

<sup>14</sup> Pseudônimo de Gianfranco Sanguinetti, escritor e membro da seção italiana do movimento Internacional Situacionista, do qual Debord foi um dos fundadores.

<sup>15</sup> Debord se refere ao prefácio à quarta edição italiana de *A sociedade do espetáculo*, de 1979.

# NOTES SUR LA “QUESTION DES IMMIGRÉS”

Notes pour Mezioud

Tout est faux dans la “question des immigrés”, exactement comme dans toute question *ouvertement* posée dans la société actuelle; et pour les mêmes motifs: l'économie — c'est-à-dire l'illusion pseudo-économique — l'a apportée, et le spectacle l'a traitée.

On ne discute que de sottises. Faut-il garder ou éliminer les immigrés? (Naturellement, le véritable immigré n'est pas l'habitant permanent d'origine *étrangère*, mais celui qui est perçu et se perçoit comme différent et destiné à le rester. Beaucoup d'immigrés ou leurs enfants ont la nationalité française; beaucoup de Polonais ou d'Espagnols se sont finalement perdus dans la masse d'une population française qui *était autre*.) Comme les déchets de l'industrie atomique ou le pétrole dans l'Océan — et là on définit moins vite et moins “scientifiquement” les *seuils d'intolérance* — les immigrés, produits de la même gestion du capitalisme moderne, resteront pour des siècles, des millénaires, toujours. Ils resteront parce qu'il était beaucoup plus facile d'éliminer les Juifs d'Allemagne au temps d'Hitler que les Maghrébins, et autres, d'ici à présent: car il n'existe en France ni un parti nazi ni le mythe d'une race autochtone!

Faut-il donc les assimiler ou “respecter les diversités culturelles”? Inapte faux choix. *Nous ne pouvons plus assimiler personne*: ni la jeunesse, ni les travailleurs français, ni même les provinciaux ou vieilles minorités ethniques (Corses, Bretons, etc.) car Paris, ville détruite, a perdu son rôle historique qui était de faire des Français. Qu'est-ce qu'un centralisme sans capitale? Le camp de concentration n'a créé aucun Allemand parmi les Européens déportés. La diffusion du spectacle concentré ne peut uniformiser *que des spectateurs*. On se gargarise, en langage simplement publicitaire, de la riche expression de “diversités culturelles”. Quelles cultures? *Il n'y en a plus*. Ni chrétienne ni musulmane; ni socialiste ni scientifique. *Ne parlez pas des absents*. Il n'y a plus, à regarder

un seul instant la vérité et l'évidence, que la *dégradation spectaculaire-mondiale (américaine) de toute culture*.

Ce n'est surtout pas *en votant* que l'on s'assimile. Démonstration historique que le vote n'est rien, même pour les Français, qui sont électeurs *et ne sont plus rien* (1 parti = 1 autre parti; un engagement électoral = son contraire; et plus récemment un programme — dont tous savent bien qu'il ne sera pas tenu — a d'ailleurs enfin cessé d'être décevant, depuis qu'il n'envisage jamais plus *aucun* problème important. Qui a voté sur la disparition du pain?). On avouait récemment ce chiffre révélateur (et sans doute manipulé en baisse): 25% des "citoyens" de la tranche d'âge 18-25 ans *ne se sont pas inscrits sur les listes électorales*, par simple dégoût. Les *abstentionnistes* sont d'autres qui s'y ajoutent.

Certains mettent en avant le critère de "parler français". Risible. Les Français actuels le parlent-ils? Est-ce du français que parlent les analphabètes d'aujourd'hui, ou Fabius ("Bonjour les dégâts!") ou Françoise Castro ("Ça t'habite ou ça t'effleure?"), ou B.-H. Lévy? Ne va-t-on pas clairement, même s'il n'y avait aucun immigré, vers la perte de tout langage articulé et de tout raisonnement? Quelles chansons écoute la jeunesse présente? Quelles sectes infiniment plus ridicules que l'islam ou le catholicisme ont conquis facilement une emprise sur une certaine fraction des idiots instruits contemporains (Moon, etc.)? Sans faire mention des autistes ou débiles profonds que de telles sectes *ne recrutent pas* parce qu'il n'y a pas d'intérêt économique dans l'exploitation de ce bétail; on le laisse donc en charge aux pouvoirs publics.

*Nous nous sommes faits américains*. Il est normal que nous trouvions ici tous les misérables problèmes des U.S.A., de la drogue à la Mafia, du *fast-food* à la prolifération des ethnies. Par exemple, l'Italie et l'Espagne, américanisées en surface et même à une assez grande profondeur, ne sont pas mélangées ethniquement. En ce sens, elles restent plus largement européennes (comme l'Algérie est nord-africaine). Nous avons ici les ennuis de l'Amérique *sans en avoir la force*. Il n'est pas sûr que le *melting-pot* américain fonctionne encore longtemps (par exemple avec les *Chicanos* qui ont une autre langue). Mais il est tout à fait sûr qu'il ne peut pas un moment fonctionner ici. Parce que c'est aux U.S.A. qu'est le centre de la fabrication du mode de vie actuel, *le coeur du spectacle* qui étend ses pulsations jusqu'à Moscou ou à Pékin; et qui en tout cas ne peut laisser aucune indépendance à ses *sous-traitants* locaux (la compréhension de ceci montre malheureusement un assujettissement beaucoup moins *superficiel* que celui que voudraient détruire ou modérer les critiques habituels de "l'impérialisme"). Ici, *nous ne sommes plus rien*: des colonisés qui n'ont pas su

se révolter, les *béni-oui-oui* de l'aliénation spectaculaire. Quelle prétention, envisageant la proliférante présence des immigrés de toutes couleurs, retrouvons-nous tout à coup en France, comme si l'on nous volait quelque chose qui serait encore à nous? Et quoi donc? Que croyons-nous, ou plutôt que faisons-nous encore *semblant de croire*? C'est une fierté pour leurs rares jours de fête quand les purs esclaves s'indignent que des métèques menacent leur indépendance!

Le risque d'apartheid? Il est bien réel. Il est plus qu'un risque, il est une fatalité déjà là (avec sa logique des ghettos, des affrontements raciaux, et un jour des bains de sang). Une société qui se décompose entièrement est évidemment moins apte à accueillir sans trop de heurts une grande quantité d'immigrés que pouvait l'être une société cohérente et relativement heureuse. On a déjà fait observer en 1973 cette frappante adéquation entre l'évolution de la technique et l'évolution des mentalités: "L'environnement, qui est reconstruit toujours plus *hâtivement* pour le contrôle répressif et le profit, en même temps devient plus fragile et incite davantage et vandalisme. Le capitalisme à son stade spectaculaire rebâtit tout *en toc* et produit des incendiaires. Ainsi son décor devient partout inflammable comme un colège de France." Avec la présence des immigrés (qui a déjà servi à certains syndicalistes susceptibles de dénoncer comme "guerres de religions" certaines grèves ouvrières qu'ils n'avaient pu contrôler), on peut être assurés que les pouvoirs existants vont favoriser le développement *en grandeur réelle* des petites expériences d'affrontements que nous avons vu mises en scène à travers des "terroristes" réels ou faux, ou des supporters d'équipes de football rivales (pas seulement des supporters *anglais*).

Mais on comprend bien pourquoi tous les responsables politiques (y compris les leaders du Front national) s'emploient à minimiser la gravité du "problème immigré". Tout ce qu'ils veulent tous *conserver* leur interdit de regarder un seul problème en face, et dans son véritable contexte. Les uns feignent de croire que ce n'est qu'une affaire de "bonne volonté anti-raciste" à imposer, et les autres qu'il s'agit de faire reconnaître les droits modérés d'une "juste xénophobie". Et tous collaborent pour considérer cette question comme si elle était *la plus brûlante*, presque la seule, parmi tous les effrayants problèmes qu'une société *ne surmontera pas*. Le ghetto du nouvel apartheid spectaculaire (pas la version locale, folklorique, d'Afrique du Sud), il est déjà là, dans la France actuelle: *l'immense majorité de la population y est enfermée et abrutie*; et tout se serait passé de même s'il n'y avait pas eu un seul immigré. Qui a décidé de construire Sarcelles et les Minguettes, de détruire Paris ou Lyon? On ne peut certes pas dire qu'aucun immigré n'a participé à cet infâme

travail. Mais ils n'ont fait qu'exécuter strictement les ordres qu'on leur donnait: c'est le malheur habituel *du salariat*.

Combien y a-t-il d'étrangers de fait en France? (Et pas seulement par le statut juridique, la couleur, le faciès.) Il est évident qu'il y en a tellement qu'il faudrait plutôt se demander: *combien reste-t-il de Français* et où sont-ils? (Et qu'est-ce qui caractérise *maintenant* un Français?) Comment resterait-il, bientôt, de Français? On sait que la natalité baisse. N'est-ce pas normal? Les Français ne peuvent plus supporter leurs enfants. Ils les envoient à l'école dès trois ans, et au moins jusqu'à seize, pour apprendre l'analphabétisme. Et avant qu'ils aient trois ans, de plus en plus nombreux sont ceux qui les trouvent "insupportables" et les frappent plus ou moins violemment. Les enfants sont encore aimés en Espagne, en Italie, en Algérie, chez les Gitans. Pas souvent en France à présent. Ni le logement ni la ville ne sont plus faits pour les enfants (d'où la cynique publicité des urbanistes gouvernementaux sur le thème "ouvrir la ville aux enfants"). D'autre part, la contraception est répandue, l'avortement est libre. Presque tous les enfants, aujourd'hui, en France, ont été *voulus*. Mais non librement! L'électeur-consomateur *ne sait pas ce qu'il veut*. Il "choisit" quelque chose qu'il n'aime pas. Sa structure mentale n'a plus cette cohérence de se souvenir *qu'il a voulu quelque chose*, quand il se retrouve déçu par l'expérience de cette chose même.

Dans le spectacle, une société de classes a voulu, très systématiquement, *éliminer l'histoire*. Et maintenant on prétend regretter *ce seul résultat* particulier de la présence de tant d'immigrés, parce que la France "disparaît" ainsi? Comique. Elle disparaît pour bien d'autres causes et, plus ou moins rapidement, sur presque tous les terrains.

Les immigrés ont le plus beau droit pour vivre en France. Ils sont les représentants de la *dépossession*; et la dépossession est chez elle en France, tant elle y est majoritaire, et presque universelle. Les immigrés ont perdu leur culture et leur pays, très notoirement, sans pouvoir en trouver d'autres. Et les Français sont dans le même cas, et à peine plus secrètement.

Avec l'égalisation de toute la planète dans la misère d'un environnement nouveau et d'une intelligence purement mensongère de tout, les Français, qui ont accepté cela sans beaucoup de révolte (sauf en 1968) sont malvenus à dire qu'ils ne se sentent plus chez eux *à cause des immigrés!* Ils ont tout lieu de ne plus se sentir chez eux, c'est très vrai. C'est parce qu'il n'y a plus personne d'autre, dans cet horrible nouveau monde de l'aliénation, *que des immigrés*.

Il vivra des gens sur la surface de la Terre, et ici même, quand la France aura disparu. Le mélange ethnique qui dominera est imprévisible, comme leurs cultures, leurs langues mêmes. On peut affirmer que la question centrale, profondément qualitative, sera celle-ci: ces peuples futurs auront-ils domine, par une pratique émancipée, la *technique presente*, qui est globalement celle du simulacre et de la dépossession? Ou, au contraire, seront-ils dominés par elle d'une manière encore plus hiérarchique et esclavagiste qu'aujourd'hui? Il faut envisager le pire, et combattre pour le meilleur. La France est assurément regrettable. Mais les regrets sont vains.

\*\*\*\*\*

À Mezioud Ouldamer

22 novembre 85

Cher Mezioud,

On vous attendra donc le 21 décembre.

On parlera de ton plan plus en détail. Le premier sommaire va bien. Je crois déjà que l'on peut dire que ce livre, renversant les infectes sottises de la gauche et de la droite, doit être, sur ce sujet faussement "passionné", écrit dans un ton parfaitement impassible (Thucydide, Machiavel, plus récemment Bolloten), en évitant si possible tout mot de jugement valoratif; comme s'il s'agissait de géologie. C'est là qu'est le plus grand scandale.

La thèse générale doit être (partant des citations des risibles erreurs des autres, comme pour s'excuser de devoir dire de telles évidences): il n'y aura pas d'intégration: il est aussi tard pour elle que pour l'expulsion. La France ne pourra intégrer personne, non parce qu'ils sont trop, mais parce qu'elle est devenue trop peu. Il n'y a plus de France. Il n'y a plus de culture française, certes. Il n'y a plus de "mode de vie français" (nous sommes l'Amérique du pauvre). Il n'y a plus de peuple français. Il n'y a du reste même plus de chrétiens, de sorte qu'il ne s'agit pas de savoir si les autres sont musulmans: "l'infidèle" suppose le fidèle, et les Français ont été infidèles à leur destin, à leur histoire,

à leur vieille réputation; ils ont même perdu leurs vieux défauts! Ce sont des spectateurs, des veaux médiatiques. Si les immigrés peuvent être “une chance” pour la France, et aussi pour instruire d’autres pays, c’est en leur montrant par l’expérience l’étendue du désastre qui a emporté tous ces pays, la perfection de leur dépossession.

Pour étudier le style de ce que d’autres pourraient appeler le “cynisme”, relis le Rapport de Censor, et certains passages de ma Préface italienne.

On vous embrasse.

Guy

#### **REFERÊNCIAS:**

DEBORD, Guy. Notes sur la “questions des immigrés”. In. DEBORD, Guy. *Œuvres*. Paris: Gallimard, coll. Quarto, 2006, p. 1588-1592.

DEBORD, Guy. Lettre à Mezioud Ouldamer de 22 novembre 1985. In. DEBORD, Guy. *Correspondance*: vol. 6 (Janvier 1979 – Décembre 1987). Paris: Librairie Arthème Fayard, 2007, p. 362.